

Educação no tempo da pandemia: escutando os/as professores/as

MARCELA MATSUDA¹

ROBERTA GAIO²

MÁRIO MOLARI³

CRISTIANE CAMARGO⁴

Resumo

Em março de 2020, com a crise sanitária que acometeu a humanidade, fruto da pandemia de Covid-19, pais, alunos/as e professores/as foram surpreendidos com o isolamento social e fechamento das escolas. Assim, este estudo tem como objetivo apresentar os desafios do ensino remoto na Educação Básica em função dessa crise sanitária que acometeu a humanidade, por meio de pesquisa realizada entre o período de 20/09/2021 a 13/10/2021 e contou com a participação de 34 professores/as. Foi realizada uma pesquisa descritiva de opinião, baseada em Rudio (2007) por meio do Google Forms, com a técnica de amostragem não probabilística, denominada de snowball sampling. Participaram da investigação os/as professores/as que aceitaram o convite e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Concluiu-se que, durante esse período no Brasil, as dificuldades educacionais se amplificaram devido à falta de recursos tecnológicos de grande parte dos/as estudantes, falta de formação tecnológica pelos/as professores/as, falta de apoio de pais/familiares, sobrecarga de trabalho para os/as professores/as e baixa interação por parte dos/as alunos/as. As desigualdades educacionais se tornaram maiores, alunos/as de escolas públicas foram negligenciados/as pelo poder público e os efeitos estão sendo cada vez mais sentidos.

Palavras-chave: Ensino remoto. Pandemia. Educação básica.

Education during the pandemic: listening to teachers

Abstract

This research aims to present the challenges of remote teaching in basic education, due to this health crisis that has affected humanity, through research carried out between 20/09/2021 and 13/10/2021 and included the participation of 34 teachers. Thus, a descriptive opinion survey was carried out, based on Rudio (2007) with Basic Education teachers (collection was through Google Forms), using the non-probability sampling technique, called snowball sampling. The teachers who accepted the invitation and signed the Free and Informed Consent Form (TCLE) participated in the investigation. It was concluded that during this period in Brazil, educational difficulties amplified, due to the lack of technological resources of most students, lack of technological training by teachers, lack of support from parents/family members, work overload for teachers and low interaction on the part of students. Educational inequalities have become greater, public school students have been neglected by public authorities and the effects are being increasingly felt.

Keywords: Education. Pandemic. Basic education.

Educación en tiempos de pandemia: escuchando a los docentes

Resumen

Esta investigación tiene como objetivo presentar los desafíos de la enseñanza a distancia en la educación básica, debido a esta crisis de salud que ha afectado a la humanidad, a través de una investigación realizada entre el 20/09/2021 y el 13/10/2021 y contó con la participación de 34 docentes. Así, se realizó una encuesta de opinión descriptiva, basada en Rudio (2007) con docentes de Educación Básica (la recolección fue a través de Google Forms), utilizando la técnica de muestreo no probabilístico, denominada muestreo de bola de nieve. En la investigación participaron los docentes que aceptaron la invitación y firmaron el Formulario de Consentimiento Libre e Informado (TCLE). Se concluyó que durante este período en Brasil, las dificultades educativas se amplificaron, debido a la falta de recursos tecnológicos de la mayoría de los estudiantes, la falta de formación tecnológica de los profesores, la falta de apoyo de los padres/familiares, la sobrecarga de trabajo de los profesores y la baja interacción en el parte de los estudiantes. Las desigualdades educativas han aumentado, los estudiantes de las escuelas públicas han sido desatendidos por las autoridades públicas y los efectos se sienten cada vez más.

Palabras clave: Educación. Pandemia. Educación básica.

Introdução

A educação, segundo o Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação do Século XXI, citado por Delors (2012, p. 11), “surge como um trunfo indispensável à humanidade na sua construção dos ideais de paz, da liberdade e da justiça social”.

No entanto, em março de 2020, devido à pandemia de Covid-19 e com o fechamento das escolas e universidades, fruto do isolamento social imposto para evitar o alastramento da doença, o que se observou foi uma educação precarizada e usurpada de seu papel de excelência, principalmente a educação pública, pois o trabalho do/a professor/a foi mais burocrático que crítico; alunos/as desmotivados/as; e a maioria sem recursos tecnológicos para assistir a vídeos gravados de aulas com temas/disciplinas descontextualizados e de difícil entendimento.

A pandemia pelo novo coronavírus (Sars-Cov-2), causador da Covid19, teve seu primeiro caso confirmado na China em dezembro de 2019, alcançando rapidamente proporções pandêmicas a nível global. No Brasil, o primeiro caso foi notificado em fevereiro de 2020. Desde então, a Covid-19 causou profundas mudanças na saúde e nas condições de vida da população brasileira, atingindo profundamente as populações mais vulneráveis (Castro *et al.*, 2021, p. 98).

Os/As professores/as, alunos/as, pais e familiares começaram a se reinventar, a se adaptarem com modificações necessárias nas residências para que essas aulas acontecessem, com mudanças de rotina e afazeres, entre outras transformações estruturais e comportamentais.

Segundo a Organização das Nações Unidas (2020), que monitorou os impactos da pandemia na educação, 191 países estabeleceram o fechamento de escolas de Educação Básica e também do Ensino Superior. A decisão atingiu cerca de 1,6 bilhão de crianças, jovens e adultos, totalizando 90,2% de todos os/as estudantes no mundo.

Professores/as e familiares que, normalmente, não tinham muito contato com as tecnologias se viram obrigados a descobrir o funcionamento de aplicativos e ferramentas tecnológicas; professores/as com ou sem nenhum preparo se viram tendo que gravar vídeos interessantes com conteúdo de matérias curriculares de forma que chamassem a atenção dos/as alunos/as.

Esse quadro provocou novos problemas, tais como: falta de computadores, conexão com a internet inexistente ou muitas vezes insuficiente, falhas de áudio/vídeo, criatividade para as atividades, apoio e engajamento dos/as alunos/as nos estudos em casa, entre outros. É uma situação muito difícil, principalmente porque a desigualdade escolar é uma realidade no país e nem todos/as alunos/as têm a mesma condição econômica, resultando em diferenças de recursos e estruturas para o desenvolvimento do ensino remoto, síncrono, que resultasse em aprendizagem (Dias; Ferreira 2020).

Entender como alunos/as e professores/as passaram pelo momento de pandemia e de quais recursos utilizaram para efetivar a educação é o objetivo deste estudo, que é uma combinação de pesquisas documental e descritiva de opinião, visando encontrar argumentos na obra de Edgar Morin e nas opiniões dos/as professores/as para refletir sobre a Educação Básica no período do isolamento social.

Reflexões sobre a educação no período da Covid-19

Para Edgar Morin, a educação tem que visar ao pensamento integral, contextualizado, complexo e não fragmentado. O autor defende um conhecimento que integre as pessoas e povos, que estimule e resgate a autonomia crítica e reflexiva, o pensamento transdisciplinar, a compreensão da irmandade planetária. Ele entende que a escola é, por meio dos/as professores/as, o local onde devem ocorrer os diálogos e as discussões que visem expandir a visão das pessoas e formar cidadãos responsáveis, comprometidos com a transformação do mundo e de si mesmos.

A pandemia, segundo Morin (2021), afetou o planeta de forma geral e em todos os seus aspectos, mostrando que tudo que existe está interligado e é planetariamente complexo.

[...] a novidade radical da Covid-19 está no fato de ela dar origem a uma megacrise feita da combinação de crises políticas, econômicas, sociais, ecológicas, nacionais, planetárias, que se sustentam mutuamente com componentes, interações e indeterminações múltiplas e interligadas, ou seja, complexas, no sentido original da palavra *complexus*, o que é tecido junto (Morin, 2021, p. 21).

O isolamento social provocado pela pandemia maximizou as desigualdades educacionais. Alunos/as de escolas públicas tiveram mais di-

ficuldades de assistirem às aulas por falta de recursos tecnológicos que os/as das escolas particulares, assim como os/as professores/as foram sobrecarregados/as com tarefas burocráticas, e a vida profissional e pessoal drasticamente alterada, principalmente pela sobrecarga do aumento de trabalho. Morin (2021) destaca a relevância dessa categoria e argumenta como a pandemia impactou bastante algumas profissões.

Façamos também justiça aos médicos hospitalares, aos professores e educadores, que sem interrupção, no auge da crise, revelaram-se não mais funcionários ou profissionais, porém missionários. [...] O importante é que a partir de agora as profissões desvalorizadas passem a gozar de pleno reconhecimento social, que as profissões dedicadas ao próximo – médicos e professores – sejam confirmadas na grandeza da missão a que se elevaram durante a crise e na qual deveriam ser mantidas (Morin, 2021, p. 30).

No Brasil, foram muitas as dificuldades enfrentadas pelos/as professores/as. As aulas em escolas particulares voltaram em outubro de 2020, antes do recomendado, e a grande maioria dos/as profissionais de educação só conseguiu agendar sua vacina contra Covid-19 a partir de 11/06/2021, conforme o site do Governo do Estado de São Paulo.

É imperativo valorizar a educação e os/as professores/as, pois é a única forma de transformar as concepções e o mundo. No pensamento de Morin (2001), é preciso recuperar a independência reflexiva, a compreensão planetária, a irmandade terrena; reconhecer o valor da pluralidade e das diferenças, e a escola e a universidade são os locais onde o processo de conscientização, por meio dos debates democráticos, pode acontecer, promovendo uma reforma no pensamento. Entretanto, para isso ocorrer, é preciso que se possa, constantemente, reformar o modelo de ensino e a forma como se percebe a aprendizagem.

De acordo com Morin (2001), para que se possa pensar efetivamente numa educação do futuro, é preciso que novas práticas pedagógicas surjam e se concentrem na condição humana, na ética, na diversidade e na elaboração de um conhecimento transdisciplinar e numa consciência planetária. As disciplinas descontextualizadas dos saberes enfraquecem a percepção global e, conseqüentemente, os vínculos com os demais. A educação atual ensina a separar e, assim, os conhecimentos se tornam dispersos. A partir de Morin (2010), surge o termo “Pensamento Complexo”, que ele conceitua:

Eu diria, inicialmente, que complexo é tudo aquilo que não pode se reduzir a uma explicação clara, a uma ideia simples e, muito menos uma lei simples [...]. O conhecimento complexo procura situar seu objeto na rede à qual ele se encontra conectado... O conhecimento complexo objetiva reconhecer o que liga ou religa o objeto ao seu contexto, o processo ou organização em que ele se inscreve. Na verdade, um conhecimento é mais rico, mais pertinente a partir do momento em que o religamos a um fato, a um elemento, uma informação, um dado, de seu contexto (Morin, 2010b, p. 190).

O mesmo autor acrescenta:

A um primeiro olhar, a complexidade é um tecido (complexus: o que é tecido junto) de constituintes heterogêneas inseparavelmente associadas: ela coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. Num segundo momento, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nisto mundo fenomênico (Morin, 2015a, p. 13).

Mais adiante ele explica: “A simplicidade vê o uno, ou o múltiplo, mas não consegue ver que o uno pode ser ao mesmo tempo múltiplo” (Morin, 2015a, p. 59). Ou seja, há a necessidade de ver a pessoa integralmente, com suas subjetividades, sua razão, suas emoções, pensamentos e lógica. Um aspecto não diminui ou anula o outro.

No âmbito escolar, o reducionismo e a fragmentação das disciplinas promovem a desconexão entre os saberes, dificultando e até mesmo impossibilitando o pensamento reflexivo dos/as alunos/as, já que estes/as não conseguem compreender as relações existentes entre diversas ciências, tais como física, química, matemática, biologia e outras. O pensamento fragmentado, positivista, restrito e isolado ignora os problemas humanos, como as paixões, sentimentos, alma, em suma, os valores humanistas.

Em suas palavras, Morin (2011, p. 38) afirma que: “de fato, a hiperespecialização impede tanto a percepção do global (que ela fragmenta em parcelas) quanto do essencial (que ela dissolve)”. E conclui que: “desse modo, o século XX viveu sob o domínio da pseudorracionalidade que presumia ser a única racionalidade, mas que atrofiou a reflexão e a visão a longo prazo” (Morin, 2011, p. 42), ou seja, a separação dos saberes distancia as pessoas do que realmente importa: o conhecimento pertinente; é necessário situar as informações e os dados em seu contexto para que

tenham sentido, ou seja, “situar tudo no contexto e no complexo planetário” (Morin, 2011, p. 33).

A partir do pensamento complexo, Morin (2001) repensa a educação para o século XXI com uma reforma estrutural em que sete pontos – que até o momento foram deixados de lado – tornam-se essenciais, para que assim se consiga focar na formação de futuros/as cidadãos/ãs, pois, com base em seu pensamento, não se pode restringir apenas o desenvolvimento intelectual; é indispensável desenvolver o pensamento crítico e uma consciência inventiva, levando em conta todos os fatores sociais, emocionais, psicológicos dos/as alunos/as.

Viver se aprende pelas próprias experiências, com a ajuda do outro, principalmente dos pais e educadores, bem como dos livros e da poesia. Viver é viver como indivíduo, enfrentando os problemas de sua vida pessoal, é viver como cidadão de sua nação, é viver também seu pertencimento à espécie humana. Claro que o ensino da literatura, da história, das matemáticas, das ciências contribui para a inserção na vida social e os ensinamentos especializados são necessários à vida profissional. Mas falta cada vez mais a possibilidade de enfrentar problemas fundamentais e globais do indivíduo, do cidadão, do ser humano. Para enfrentá-los, esses problemas requerem a possibilidade de reunir e articular as disciplinas entre si. Exigem uma maneira mais complexa de conhecer, uma maneira mais complexa de pensar. É isso que pretendia trazer a reforma que proponho (Morin, 2010a, p. 284).

A educação do futuro precisa ensinar sobre o risco do erro e da ilusão, sobre o conhecimento pertinente, a condição humana, a identidade terrena; ensinar a enfrentar as incertezas, a compreensão e a ética do gênero humano (Morin, 2001).

A educação deve deixar claro que não existe um conhecimento absoluto e verdadeiro. Todo conhecimento é passível de erro e deve ser questionado, pois, por se tratar de uma tradução do pensamento humano, existe espaço para interpretação subjetiva e afetiva. É importante refletir e questionar todo conhecimento.

A racionalização crê-se racional, porque constitui um sistema lógico perfeito, fundamentado na dedução ou na indução, mas fundamenta-se em bases mutiladas ou falsas e nega-se à contestação de argumentos e à verificação empírica (Morin, 2001, p. 22).

Ele propõe um conhecimento permeado pela racionalidade, em que se busca a contestação, ou seja, uma racionalidade crítica e autocrítica, na qual se reconhece o erro como uma oportunidade de aprendizado.

A incerteza faz com que a realidade seja repensada e refletida. A incerteza traz mudanças, desenvolvimento e evolução; não deve ser vista como algo negativo, e sim como uma oportunidade de crescimento. É preciso enfrentar as incertezas por meio de desafio e estratégia.

O pensamento deve, pois, armar-se e aguerri-se para enfrentar a incerteza. Tudo que comporta oportunidade comporta risco, e o pensamento deve reconhecer as oportunidades de risco como os riscos das oportunidades. O abandono do progresso garantido pelas 'leis da História' não é o abandono do progresso, mas o reconhecimento de seu caráter incerto e frágil. A renúncia ao melhor dos mundos não é, de maneira alguma, a renúncia a um mundo melhor (Morin, 2011, p. 80).

O conhecimento pertinente é aquele além da matemática, física e geografia, é o conhecimento de vida. É fundamental que as escolas ensinem a viver e compreender o homem. De acordo com o pensamento de Morin, compreensão humana é ter empatia, afeto, generosidade e entendimento pelas emoções e motivações subjetivas de cada indivíduo; é um entender por que determinada ação é ou não praticada.

A escola é o ambiente propício para que as crianças desde pequenas se socializem, e é através do contato com professores/as e colegas que os/as alunos/as desenvolvem essas habilidades, reconhecendo e convivendo harmoniosamente em meio às diferenças. Nas palavras de Morin (2015b), a escola é ainda local essencial para que cada pessoa se consagre como uno e múltiplo, como indivíduo e comunidade:

As escolas devem cuidar de nossa dupla aspiração: realizar-nos como indivíduos, em nossas atitudes, habilidades e construir vínculos dentro de uma comunidade. Os professores devem, antes de tudo, estar conscientes de que as crianças devem ser acompanhadas nesta dupla aspiração (Morin, 2015b, p. 58).

A educação do futuro deve reconhecer a diversidade e a pluralidade cultural de cada povo, mas sem esquecer que a condição humana é comum, ou seja, contextualizar a humanidade no planeta em que vive, aceitando e respeitando todas as diferenças culturais. “Cabe a educação do futuro cuidar para que a ideia de unidade da espécie humana não apague

a ideia de diversidade” (Morin, 2011, p. 49). Aceitar as diferenças culturais permite o diálogo e o conhecimento, diminuindo discursos de ódio e estranhamento ao que não é “padronizado”. “A desintegração de uma cultura sob o efeito destruidor da dominação técnico-civilizacional é uma perda para toda a humanidade, cuja diversidade cultural constitui um dos mais preciosos tesouros” (Morin, 2011, p. 51).

Por isso, a educação deveria mostrar e ilustrar o Destino multifacetado do humano: o destino da espécie humana, o destino individual, o destino social, o destino histórico, todos entrelaçados e inseparáveis. Assim, uma das vocações essenciais da educação do futuro serão o exame e o estudo da complexidade humana. Conduziria à tomada de conhecimento, por conseguinte, de consciência, da condição comum a todos os humanos e da muito rica e necessária diversidade dos indivíduos e dos povos, das culturas, sobre nosso enraizamento como cidadãos da Terra (Morin, 2011, p. 54).

Na educação do futuro, seria imprescindível ensinar sobre a identidade terrena, ensinar que todos estão interdependentes do mesmo planeta e meio ambiente, e o que acontece do outro lado do mundo interfere de forma global, assim como ocorreu com a pandemia de Covid-19, a qual muitos pensavam que ficaria restrita ao continente asiático, e hoje soma-se mais de 5 milhões em todo o mundo (Wang *et al.*, 2022). Morin (2011, p. 58) salienta que: “O mundo torna-se, cada vez mais, um todo. Cada parte do mundo faz, mais e mais, parte do mundo, e o mundo, como um todo, está cada vez mais presente em cada uma das suas partes”. Devido a isso, é preciso que a educação se encarregue de falar sobre a ecologia, os efeitos nocivos das ações da humanidade contra o meio ambiente, sobre as armas nucleares e a morte ecológica, assim como as ameaças e perigos que todas as espécies correm se não houver reação contra as correntes dominantes.

Por isso, é necessário estar aqui no planeta. Aprender a estar aqui significa: aprender a viver, a comunicar, a comungar; é o que se aprende somente nas culturas singulares – e por meio delas. Precisamos doravante aprender a ser, a viver, a dividir e a comunicar como humanos do planeta Terra, não somente pertencer a uma cultura, mas também ser terrenos (Morin, 2011, p. 66).

Para Edgar Morin, o ensino da compreensão humana é crucial para garantir a “solidariedade intelectual e moral da humanidade” (Morin, 2011,

p. 81). Nela compreende a empatia, solidariedade, identificação e projeção. Segundo ele

A compreensão é, ao mesmo tempo, meio e fim da comunicação humana. O planeta necessita, em todos os sentidos, de compreensões mútuas. Dada a importância da educação para a compreensão, em todos os níveis educativos e em todas as idades, o desenvolvimento da compreensão necessita da reforma planetária das mentalidades; esta deve ser a tarefa da educação do futuro (Morin, 2011, p. 91).

Ou seja, é necessário compreender desinteressadamente, sempre favorecendo o diálogo, acolhendo as ideias e as diferenças.

Por último, mas não menos importante, ele afirma que a educação do futuro deve ensinar a ética do gênero humano, que seria o auge da compreensão e do diálogo, em que a democracia “é a regeneração contínua de uma cadeia complexa e retroativa: os cidadãos produzem a democracia, que produz cidadãos” (Morin, 2011, p. 94). A tríade indivíduo-sociedade-espécie são inseparáveis, coprodutores um do outro, produzindo e sendo produzidos a cada geração, desenvolvendo autonomias individuais, participações comunitárias e sentimento de pertencimento. A sociedade deve ser um local de diálogo, inclusão e entendimento.

A ética propriamente humana, ou seja, a antropo-ética, deve ser considerada como a ética da cadeia de três termos indivíduo-sociedade-espécie, de onde emerge nossa consciência e nosso espírito propriamente humano. Essa é a base para ensinar a ética do futuro (Morin, 2011, p. 93).

Guimarães (2020, p. 210) mostra em seus estudos que

Morin problematiza o tipo de pessoa que queremos formar (tecnicistas ou cidadãos reflexivos), do que é feito e como se constrói o conhecimento humano e de que forma este pode ser utilizado para um salto perceptual que leve a uma transformação de visão de mundo.

Morin (2011b) acredita que a escola desconsidera as múltiplas dimensões do humano, supervalorizando a razão científica em detrimento das demais, desvalorizando a sua dimensão social e ética. Em suas palavras:

Efetivamente, a inteligência que só sabe separar fragmenta o complexo do mundo em pedaços separados, fraciona os problemas, unidimensionaliza o multidimensional. Atrofia

as possibilidades de compreensão e de reflexão, eliminando as oportunidades de um julgamento corretivo ou de uma visão a longo prazo (Morin, 2011b, p. 13).

Desse modo, é urgente a reforma de pensamento, a reforma da educação (por meio do pensamento complexo) para que esse sujeito consiga tomar as rédeas da sua vida, tornando-se autor da sua história, com visão crítica e reflexiva, mas nunca esquecendo sua dimensão social e cultural, compreendendo que faz parte de uma humanidade e vive numa nação planetária.

Procedimentos metodológicos

Considerando os objetivos a serem alcançados com a investigação e tendo como referencial as Ciências Humanas, realizou-se uma pesquisa de cunho qualitativo, com o intuito de desvelar o fenômeno e contribuir para as discussões que possam ecoar no meio científico, promovendo transformações. Investigou-se a educação e a relação com a tecnologia em tempo de pandemia a partir das colocações de professores/as.

Assim, foi realizada uma pesquisa descritiva de opinião, baseada em Rudio (2007), com professores/as da Educação Básica, tendo a técnica de amostragem não probabilística denominada de snowball sampling, ou popularmente conhecida como “Bola de Neve”, como referencial. Participaram da investigação os/as professores/as que aceitaram o convite e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), pois o estudo, caracterizado como iniciação científica, foi aprovado pelo Comitê de Ética do UNISAL, Parecer nº 4.885.151.

Pesquisa de opinião procura identificar atitudes, pontos de vista e preferências que têm as pessoas a respeito de algum tema/problema. Os dados coletados podem ser analisados qualitativamente, utilizando-se palavras para descrever a realidade e/ou quantitativamente, com o intuito de oferecer, numericamente, o referencial sobre a realidade estudada e descrita (Rudio *apud* Gaio; Carvalho; Simões, 2008, p. 156).

O foco da investigação foi o discurso de professores/as, sendo que a coleta de dados se deu por meio de questionário, pelo Google Forms.

[...] o Google Forms pode ser muito útil em diversas atividades acadêmicas, nesse caso em especial para a coleta e análise de dados estatísticos, facilitando o processo de pes-

quisa. A grande vantagem da utilização do Google Forms para a pesquisa, seja ela acadêmica ou de opinião, é a praticidade no processo de coleta das informações. O autor pode enviar para os respondentes via e-mail, ou através de um link, assim todos poderão responder de qualquer lugar. Enumera-se ainda como vantagem os resultados da pesquisa pelo Google Forms, pois estes se organizam em forma de gráficos e planilhas, proporcionando um resultado quantitativo de forma mais prática e organizada, facilitando a análise dos dados (Mota, 2019, p. 373).

O intuito foi verificar como esses/as professores/as, que estavam acostumados/as há anos a ministrarem aulas presenciais, lidaram com a inserção de novas tecnologias para concretização das aulas remotas síncronas, isto é, aquelas realizadas em tempo real com um grupo de pessoas através de uma videoconferência.

Resultados e discussões

A pesquisa foi realizada do dia 20/09/2021 até 13/10/2021 e contou com a participação de 34 professores/as, sendo 32,35% (11) homens e 67,65% (23) mulheres. A faixa etária predominante dos respondentes foi de 31 a 40 anos, com 11 participantes (32,35%). O número de participantes de 20 a 30 anos foi de 26,47% (9), de 41 a 50 anos foi de 23,53% (8) e acima de 50 anos foi de 17,65% (6).

A área de formação que se destacou foi a Pedagogia, com 44,12% (15 participantes). Ainda, 29,4% (10) dos respondentes tinham alguma pós-graduação, 20,6% (7) fizeram mestrado e apenas 5,9% (2) fizeram doutorado.

A maior parte dos respondentes (55,9% - 19 participantes) da pesquisa trabalhava em escola pública, seja municipal ou estadual. A pesquisa não objetivava comparar os dados referentes às diferenças entre os tipos de escola.

Metade (50% - 17) dos/as entrevistados/as lecionava há menos de 10 anos; 29,41% (10) lecionavam de 11 a 20 anos; e 20,59% (7), há mais de 20 anos.

De acordo com as respostas, 67,65% (23) dos/as entrevistados/as não pensavam ser possível que as aulas presenciais pudessem ser suspensas e se tornassem remotas. Alguns/Algumas ainda salientaram:

P32 - *Aconteceu tudo muito rápido, fechamos em uma semana e na outra já era aula remota. Não tive tempo nem de pensar para ser sincera.*
P34 - *Não. Na verdade, achei que iríamos voltar rapidamente as aulas presenciais, porém não foi o que aconteceu. Nem sabia o que era aula remota no início da pandemia.*

Para 32,35% (11) dos/as participantes que pensaram ser possível o ensino remoto, eles/as argumentam:

P21 - *Pensei na possibilidade sim, e, conforme se comprovou que a pandemia vinha para ficar, essa possibilidade ficou mais clara como a certeza.*

Quando perguntados/as se estavam preparados/as e tinham conhecimento de como preparar aulas por meio de aplicativos como Meet, Zoom, Teams, 91,18% (31) responderam que não; apenas 3 professores/as estavam preparados/as:

P5 - *Não estava preparada, não fiz curso, mas tinha sim conhecimento e mais facilidade para se adequar aos novos aplicativos, ou seja, à nova ferramenta de trabalho.*

P6 - *De forma alguma. Sabia apenas da existência desses meios tecnológicos de comunicação.*

P14 - *Não, foi um grande desafio para nós professores.*

Apenas 3 (8,82%) professores/as se sentiram preparados/as, e, dos/as entrevistados/as, apenas 1 (2,94%) disse que tinha feito curso.

P16 - *Sim. Em uma outra escola em 2018 tínhamos treinamento com a Google e um grupo de estudo.*

De acordo com os resultados, a grande maioria dos professores/as não estava esperando uma mudança abrupta na sua rotina, mesmo com o cenário da Covid-19 e com o lockdown em diversos países, ou seja, eles/as não estavam preparados/as para enfrentar o inesperado e/ou as incertezas. Como diz Edgar Morin (2001, p. 73), “é preciso aprender a enfrentar a incerteza, já que vivemos em uma época de mudanças, em que os valores são ambivalentes, em que tudo é ligado”. Ainda de acordo com Morin (2001, p. 69):

O futuro permanece aberto e imprevisível. Com certeza, existem determinantes econômicas, sociológicas e outras ao longo da história, mas estas encontram-se em relação instável e incerta com acidentes e imprevistos numerosos que fazem bifurcar ou desviar o curso.

A pandemia de Covid-19 foi um desses imprevistos que Morin (2001) alerta, e, segundo o próprio autor, quando o inesperado acontece, é necessário que cada indivíduo reveja seus conhecimentos e seja capaz de se adaptar à nova realidade. No entanto, a pesquisa mostra que mais de 91% dos/as professores/as não se sentiam preparados/as para as aulas online. Ou seja, apesar dos avanços tecnológicos e da globalização, a formação continuada não é prioridade para a prática pedagógica da maioria dos/as profissionais. Muito se deve à desvalorização dessa categoria de profissionais perante a sociedade e do excesso de trabalho burocrático que são encarregados de fazer, deixando à margem a prática pedagógica e reflexiva. É imperativo apoiar a educação e os/as professores/as, pois a educação é a única forma de transformar as concepções e o mundo. No pensamento de Morin (2010b), é preciso recuperar a independência reflexiva, a compreensão planetária, a irmandade terrena; reconhecer o valor da pluralidade e das diferenças, e a escola e a universidade são os locais onde o processo de conscientização, por meio dos debates democráticos, pode e deve acontecer. A reforma de pensamento somente advirá com uma reforma no ensino. Guimarães (2020, p. 191), analisando a obra de Morin, completa:

Professores e educandos, estimulados a refletirem, potencialmente produzirão ou procurarão conhecimentos com potencial político libertário de reavaliação das relações sociais e produzirão uma arte inteligente e sensível, que una beleza e sentimentos e que repercute na sociedade, sensibilizando as pessoas de todas as áreas.

Morin (2010b) salienta em suas obras que a humanidade precisa de indivíduos responsáveis e comprometidos com a transformação do mundo e de si mesmos. Assim, de acordo com esse pressuposto, os/as professores/as devem ser os/as protagonistas da sua carreira, pensando constantemente no aperfeiçoamento dos saberes necessários à sua prática pedagógica. O/A professor/a tem que se ver como um eterno aluno/a, em “permanente processo de aprender, rever, reaprender”, como diz Guimarães (2020, p. 25), pois não há conhecimento certo e absoluto; o conhecimento sempre está em construção e deve ser passível de indagação e crítica, assim como sugere Morin (2001, p. 23):

A necessidade de reconhecer, na educação do futuro, um princípio de incerteza racional: a racionalidade corre risco constante. [...] Isso significa que a verdadeira racionalidade não é apenas teórica, apenas crítica, mas também autocrítica.

E ainda afirma que:

A educação deve mostrar que não há conhecimento que não esteja, em algum grau, ameaçado pelo erro e pela ilusão...O conhecimento, sob forma de palavra, de ideias, de teoria, é o fruto de uma tradução/reconstrução por meio da linguagem e do pensamento e, por conseguinte, está sujeito ao erro (Morin, 2001, p. 19).

Todo conhecimento corre o risco do erro, por isso a necessidade de estudar, ressignificar a aprendizagem, investigar e aperfeiçoar a prática docente.

Quando os/as entrevistados/as foram questionados/as sobre os maiores desafios/dificuldades encontrados nesse período, duas questões foram dadas como as maiores: a falta de habilidade em mexer nos recursos tecnológicos e a falta de comprometimento dos/as alunos/as, indicadas por 67,65% (23).

Em 1988, segundo Baade *et al.* (2020), as tecnologias digitais já eram essenciais. Tal fato é tão assustador, que, ainda naquela época, se os computadores parassem de funcionar, a sociedade entraria em colapso. Hoje, em que a tecnologia está na palma das mãos, através de celulares e tablets, e os cursos híbridos e online são cada vez mais frequentes, é essencial que os/as professores/as procurem cursos de formação continuada ou de metodologias ativas, pois, além de serem um facilitador do processo de ensino e aprendizagem, são potencializadores do desenvolvimento escolar dos/as alunos/as.

Souza (2020) salienta que uma das dificuldades encontradas é a transposição dialética, ou seja, levar a prática e atividades do presencial para a forma remota. Aqui se percebe que um/a professor/a com mais conhecimento em metodologias ativas, gamificação, softwares educativos e ferramentas tecnológicas de modo geral tem maior facilidade e capacidade de envolver o/a aluno/a.

Outro grande entrave é a manutenção do interesse dos/as alunos/as em aula, pois falta interesse e engajamento. Tal desinteresse se dá por uma educação estritamente produtivista, fragmentadora, descontextualizada, que só visa transformar pessoas em mão de obra voltada ao mercado de trabalho, sem reflexão. A educação tem que ter caráter libertador, que ajude os/as alunos/as a buscar sua autonomia e emancipação, uma educação que faça sentido aos educandos.

É necessário que o/a estudante se veja como o sujeito de ação da formação da sua cultura, e não mero/a espectador/a de conteúdos expostos e descontextualizados. Morin (2020, p. 37) salienta:

A educação deve favorecer a aptidão natural da mente em formular e resolver problemas essenciais e, de forma correlata, estimular o uso da inteligência geral. Este uso total pede o livre exercício da curiosidade, faculdade mais expandida e a mais viva durante a infância e a adolescência, que, com frequência, a instrução extingue e que, ao contrário, se trata de estimular ou, caso esteja adormecida, de despertar.

Outras dificuldades sentidas pelos/as professores/as foram a adaptação da casa para as aulas online, a modificação rotina, a falta de acesso à internet/computador por muitos/as alunos/as, além de questões como cansaço mental, por ficarem muito tempo na frente do computador, e timidez em terem os pais presenciando as aulas.

P15 - *Muito tempo diante do computador, causando um desgaste mental.*

P32 - *O maior desafio para mim [por timidez] foi ter a presença dos pais nas aulas também.*

Todos/as os/as respondentes já tinham os recursos tecnológicos e todos/as responderam que as escolas, sendo particulares ou públicas, não ajudaram com internet, celular, computador. De acordo com esses resultados, verifica-se o descaso dos gestores e governo com a educação e com os/as profissionais e alunos/as. Como é possível ver, alguns/algumas professores/as relataram que as dificuldades foram pela falta de recursos tecnológicos por parte dos/as discentes.

Dias e Ferreira (2020, p. 546) salientam que:

A Educação a distância (EaD) não pode ser a única solução, esta metodologia tende a exacerbar as desigualdades já existentes, que são parcialmente niveladas nos ambientes escolares, simplesmente, porque nem todos possuem o equipamento necessário.

Os recursos mais utilizados por 50% (17) dos/as entrevistados/as, para manterem os/as alunos/as interessados/as e engajados/as na aula, foram vídeos e jogos, e 14,7% (5) se utilizaram de atividades lúdicas. Já 8,82% (3) dos/as professores/as disseram que só fizeram uso do WhatsApp, seja para aula e atividade, seja para contato com os pais.

Sousa e Moura (2021, p. 8) concluem em seu trabalho que:

Portanto, verificou-se por meio dos estudos realizados a importância da utilização do lúdico na prática educativa, então torna-se necessário a busca por estratégias de inclusão junto aos conteúdos, inclusive no ensino remoto, pois facilita e motiva professores e alunos a participar e interagir nas aulas, mesmo que tão distante do espaço do chão da sala de aula. Sendo assim, torna-se possível incluir as atividades lúdicas, porém é necessária preparação, criatividade e muita força de vontade pelo professor e toda a comunidade escolar, que atendam não só a presença do educando nas atividades, mas que garanta uma aprendizagem significativa.

Pensando nesse trecho, percebe-se com o resultado da pesquisa realizada que o uso do lúdico nas aulas remotas, além de manterem a presença do/a aluno/a, garante uma aprendizagem significativa.

Conclusão

Durante a pandemia de Covid, 90,2% dos/as alunos/as do mundo ficaram isolados/as em casa sem poderem ir às escolas, tendo aulas online (Organização das Nações Unidas, 2020). Durante esse período no Brasil, as dificuldades educacionais se amplificaram devido à falta de recursos tecnológicos por grande parte dos/as estudantes, falta de formação tecnológica pelos/as professores/as, falta de apoio de pais/famílias, sobrecarga de trabalho para os/as professores/as e baixa interação por parte dos/as alunos/as. As desigualdades educacionais se tornaram maiores, os alunos/as de escolas públicas foram negligenciados/as pelo poder público e os efeitos estão sendo cada vez mais sentidos: crianças de baixa renda, que já vinham para a escola com déficits por terem recebido menos estímulos que as demais, no período de isolamento social, tiveram esse déficit ampliado.

Agora, mais que antes, é necessária uma reforma de pensamento e da estrutura da educação. Esse sistema reducionista e meritocrata, que faz com que sempre os mesmos tenham acesso às vagas de universidades e ensino de qualidade, precisa mudar. A mudança só pode ocorrer na estrutura da educação quando se pensar numa pedagogia voltada ao transdisciplinar, que faça sentido ao/a aluno/a e contextualize o conteúdo com sua realidade. Como diz Morin (2010b, p. 285): “Não se pode reformar a instituição sem

ter antes reformado as mentalidades, mas não se podem reformar as mentalidades sem ter antes reformado a instituição”. Ou seja, é preciso reformar as mentalidades para que tenham uma visão de diálogo, democracia, em que todos tenham as mesmas possibilidades e acesso ao conhecimento.

É urgente que os/as alunos/as compreendam que a educação é mais que conhecimento para um diploma ou para ter um emprego. É necessário que a reforma da educação ofereça um “sentido vivo e vital” ao ensino. Morin (2020, p. 18) afirma que “o pensamento é, mais do que nunca, o capital mais precioso para o indivíduo e a sociedade”.

A escola tradicional usurpa do/a aluno/a sua individualidade, mantendo-o/a sob a rédea do/a professor/a, reprime sua curiosidade, imaginação, criatividade e vontade de aprender, pois apresenta conteúdos desconexos que, divididos, fazem com que o/a aluno/a acredite que o conhecimento se resume à vida profissional, incentivando a competição e o egoísmo. A educação que só transmite conteúdo técnico não prepara o/a aluno/a para a vida, apenas o/a torna mais uma máquina do sistema econômico neoliberal, adaptando-o/a ao mercado consumista e incentivando a concorrência e competição, usurpando do indivíduo a possibilidade de reflexão, solidariedade e compreensão.

O modelo tradicional de pedagogia tira da criança o caráter imaginativo, criativo, curioso e interessado, fazendo com que ela tenha apenas conteúdos dispersos, perdendo sua capacidade de relacionar e refletir. Como ressalta Morin (2010a, p. 286) em entrevista a Djénane: “A natureza não é dividida em disciplinas, como a escola. A escola ensina-nos a separar tudo. Seria preciso desde o maternal ensiná-los a religar, e não apenas separar”.

Agora mais do que antes, é necessária uma reforma pedagógica em que o/a aluno/a se sinta parte integrante do seu conhecimento e que essa educação consiga fazê-lo/a se abrir para o novo, para a reflexão; que esse indivíduo se compreenda como um ser terreno, vivendo não só em sua nação, mas sim no planeta, tendo solidariedade e responsabilidade em relação a ele; que assuma o controle da sua vida e valorize a educação como algo que deve contribuir para a autoformação da pessoa e que o ensine como se tornar um cidadão.

Recebido em: 09/04/2025

Revisado em: 03/06/2025

Aprovado em: 25/06/2025

Notas

- 1 Graduada em Pedagogia. E-mail: marcelapires@hotmail.com.
- 2 Doutora em Educação. E-mail: robertagaio@univas.edu.br.
- 3 Doutor em Educação Física. E-mail: marioartigo@gmail.com.
- 4 Doutora em Saúde da Criança e do Adolescente. E-mail: criscamargo@hotmail.com.

Referências

BAADE, Joel *et al.* Professores da Educação Básica no Brasil em Tempos de Covid-19. **Revista Holos**, v. 5, p. 1-18, 2020. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/10910/pdf>. Acesso em: 11 jul. 2025.

CASTRO, Cintia Raquel da Silva *et al.* COVID-19 como Sindemia e sua interação com a violência doméstica contra mulheres: reflexões e perspectivas de ação. In: MORAES, Thiago Perez Bernardes de (org.). **COVID-19 no Brasil e no Mundo: impactos sociais, políticos e econômicos**. Curitiba: Editora Bagai, 2021. p. 98-111.

DELORS, Jacques (coord.). **Educação: um tesouro a descobrir**. 7. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC/UNESCO, 2012.

DIAS, Érika; PINTO, Fátima Cunha Ferreira. A Educação e a Covid-19. **Ensaio: Aval. Pol. Públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 108, p. 545-554, jul./set. 2020.

GAIO, Roberta; CARVALHO, Roberto Brito de; SIMÕES, Regina. Métodos e Técnicas de pesquisa: a metodologia em questão. In: GAIO, Roberta (org.). **Metodologia da pesquisa e produção do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2008.

GUIMARÃES, Carlos Antônio Fragoso. **Paulo Freire e Edgar Morin** - sobre saberes, paradigmas e educação: um diálogo epistemológico. 1. ed. Curitiba: Appris, 2020

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MORIN, Edgar. **Meu caminho** - entrevistas com Djénane Kareh Tager. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010a.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010b.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015a.

MORIN, Edgar. “É preciso ensinar as incertezas”. **Fronteiras do Pensamento**, 2015b. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/entrevistas/edgar-morin-compreensao-humana>. Acesso em: 10 jul. 2025.

MORIN, Edgar. **É hora de mudarmos de via**: lições do coronavírus. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

MOTA, Janine. Utilização do Google Forms na Pesquisa Acadêmica. **Humanidades & Inovações**, v. 6, n. 12, p. 1-10, 2019.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Covid-19: Unesco diz que 40 % dos países não têm como apoiar alunos a distância. **ONU News**, 24 jun. 2020. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2020/06/1717832>. Acesso em: 27 ago. 2025.

RUDIO, Franz Victor. Pesquisa descritiva e pesquisa experimental. In: RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

SOUSA, Francisco; MOURA, Andréa. O lúdico como instrumento metodológico no ensino remoto. **Ensino Em Perspectivas**, v. 2, n. 4, p. 1-10, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensino-emperspectivas/article/view/6397>. Acesso em: 11 jul. 2025.

SOUZA, Ana Flávia Tavares; MELO, Janaina Fernanda; SANTOS, Priscila. Relato de experiência: as dificuldades dos professores em colocar em prática as aulas remotas. In: SIMPÓSIO DE TCC DAS FACULDADES FINOM E TECSOMA, 3., 2020, Paracatu. **Anais [...]**. Paracatu: FINOM, Tecsoma, 2020. p. 1174-1183,

WANG, Haidong *et al.* Estimating excess mortality due to the COVID-19 pandemic: a systematic analysis of COVID-19-related mortality, 2020-21. **Lancet**, v. 399, n. 10334, p. 1513-1536, 2022. Disponível em: [https://www.thelancet.com/article/S0140-6736\(21\)02796-3/fulltext](https://www.thelancet.com/article/S0140-6736(21)02796-3/fulltext). Acesso em: 28 ago. 2025.